



LER, PRODUZIR, CONSTRUIR

Todo o trabalho proposto na Unidade 1 teve como meta levá-lo a refletir sobre a relação que a leitura e a produção de textos estabelecem com a sua formação. Nesta Unidade 2, vamos discutir a questão central para a compreensão dessa relação: o conceito de SENTIDO.

Existem algumas diferenças de entendimento sobre a forma como o sentido se manifesta em um texto.

Há abordagens que focam o componente formal e estático do texto, ou seja, aquilo que, explícita e literalmente, está escrito¹. Tais abordagens levam a um entendimento do sentido como algo que viria impresso, cabendo ao leitor descobrir esse sentido impresso nas palavras, orações, períodos e parágrafos que compõem o texto.

Há outras abordagens que focam o componente comunicativo que envolve um texto, mais especificamente, a comunicação que se estabelece entre leitor e escritor. Essa abordagem compreende que o sentido é algo pré-definido pelo escritor, cabendo ao leitor descobrir que sentido é esse que, de alguma forma, foi deixado pronto nas linhas do texto. Assim como na abordagem anterior, compreende-se também o sentido como algo estático, pronto, acabado, e único. Neste caso, o único sentido construído pelo autor.

Finalmente, há abordagens que compreendem o texto como a materialidade que permite a manifestação do sentido, mas que com este não se confunde. Em outras palavras, aquilo que vem escrito e o sentido são instâncias diferenciadas, ainda que inter-dependentes. Idéias só podem ser manifestadas através de textos², mas textos e idéias compõem-se de formas diversas.

Um texto escrito, por exemplo, necessariamente tem que seguir uma ordem linear e finita, tem um começo, um meio e um fim.

As idéias que nele são expressas, entretanto, nunca acompanham essa linearidade, muito menos essa finitude. As idéias compõem-se de muitos entrelaçamentos, de muitos pontos de vista, que se desenvolvem ao longo de períodos históricos que não se podem delimitar. Assim é que uma idéia evolui, se modifica, retorna, em movimentos que se dão individualmente, em grupos, que envolvem toda a humanidade, parte dela, numa complexidade tal que nenhum texto tem condições de suportar, se considerarmos tão somente sua materialidade.

Enquanto o texto é estático e finito, o sentido nunca está acabado:

¹ Vamos aqui nos referir apenas ao texto escrito. Não obstante, um texto pode ser composto a partir das mais variadas linguagens. Essa questão será abordada na próxima unidade.

² Novamente ressaltamos o fato de que os textos podem ser compostos em variadas linguagens, e não apenas através da escrita.

Podemos dizer que o discurso da Odisséia de Homero teve início quando Homero produziu o texto da Odisséia, mas só se completou em cada um dos momentos em que seus leitores cumpriram sua parte de ler a Odisséia. Assim, por exemplo, se eu nunca a tivesse lido e fosse fazê-lo agora, estaria entrando em contato com um discurso materializado em texto que se teria iniciado muitos séculos antes de Cristo, mas que só se completaria agora, com a minha leitura atual. Mas pode acontecer também que eu já tivesse lido a Odisséia e me dispusesse a lê-la de novo. Nesse momento, seria construído um novo discurso, diferente daquele construído quando da minha primeira leitura, pelo simples motivo de que eu mudei minha visão de mundo, meus conhecimentos; meu repertório, enfim, era um quando tomei contato com o texto pela primeira vez. Agora, é outro. Nesse sentido é que podemos dizer que um texto, uma vez pronto, é algo estático, e que o discurso, ao contrário, é sempre dinâmico e pode ser repetido infinitamente, sempre de formas diferentes, dependendo dos repertórios de seus leitores. (Abreu, p. 11 e 12)³

O que ocorre com a Odisséia de Homero, ocorre também com todo e qualquer texto, inclusive com o texto científico. Portanto, não existe sentido pronto, acabado, delimitado, que jamais possa ser revisto, refeito, retomado, reconsiderado, mesmo quando se está diante do sentido veiculado por um texto científico.

O que produzimos, e deixamos registrado em todo e qualquer tipo de texto, reflete o pensamento possível de uma pessoa, em uma determinada época, em um determinado local, vivenciando um determinado conjunto de condições. Esse fato se verifica com o poeta, com o estudante, e também com o cientista.

Produzimos, o tempo todo, EFEITOS DE SENTIDO, e os manifestamos em textos. Em um texto poético, por exemplo, exploramos a subjetividade. O texto científico, ao contrário, explora a objetividade, gerando efeitos de sentido científico, efeitos de sentido de transmissão de uma verdade. E é interessante ressaltar que a mesma idéia pode vir expressa tanto em um poema quanto em uma tese de doutorado.

A própria ciência, no entanto, coerente com ela mesma, se renova o tempo todo, revendo seus pressupostos, muitas vezes até rompendo com paradigmas, que passam a ser considerados velhos, ultrapassados, mas que, em algum momento, constituíram a verdade possível.

E toda essa movimentação só ocorre porque existe o texto para materializar idéias. E idéias só surgem porque existe alguém que as produz, em algum espaço e lugar, envolto em condições de vida específicas, e em um labor que é perpassado pelas idéias produzidas por outros sujeitos, também situados em tempos e lugares e condições de vida específicos. Assim é que as idéias nunca são absolutamente originais. Idéias são o resultado de um processo que envolve sempre mais de um sujeito:

Os textos têm a propriedade intrínseca de se constituir a partir de outros textos. Por isso, todos eles são atravessados, ocupados, habitados pelo discurso do outro. (...) Um texto remete a duas concepções diferentes: aquela que ele defende e aquela em oposição à qual ele se constrói. Nele, ressoam duas vozes, dois pontos de vista. Sob as palavras de um discurso, há outras palavras, outro discurso, outro ponto de vista social. Para constituir sua concepção sobre um

³ Procurarei sempre fazer citações das obras que compõem a Bibliografia de Consulta da disciplina e que, portanto, encontram-se disponíveis no pólo.

dado tema, o falante leva sempre em conta a de outro, que, de certa forma, está, pois, também presente no discurso construído. (Savioli e Fiorin, p. 29)

Se todo texto “remete a duas concepções diferentes”, então não é possível conceber um tipo de leitura simples, linear. Se, “sob as palavras de um discurso, há outras palavras, outro discurso, outro ponto de vista social”, então só é possível conceber um tipo de leitura que seja sempre sinônimo de interpretação, de construção de um sentido a partir das vozes que compõem os diálogos - quase sempre tensos - que envolvem os textos.

Leitura, portanto, é uma ação, e não um colocar-se diante do texto esperando que algum sentido lá impresso se mostre, bastando, para isso, olhar com mais cuidado, com mais atenção para as palavras e frases e parágrafos. Eles nada dirão sozinhos. Também não estão escondendo o sentido do texto, em alguma espécie de jogo de esconde-esconde. Eles trazem consigo os diálogos estabelecidos no tempo, mas não restritos a uma temporalidade linear, de tal forma que, sempre, o diálogo pode ser retomado e pode ser projetado, em um movimento contínuo de vir a ser.

E quando você compõe um texto, coloca-se no lugar daquele sujeito que se propõe a tecer mais um fio de uma imensa e infinita rede de idéias. E nessa tecitura certamente não estará sozinho. Seu fio será composto de entrelaçamentos conquistados em outros pontos dessa rede, quando você se colocou como leitor-dialogador, e será tão mais forte quanto mais diálogos você tiver estabelecido.

Esse é o processo de formação pessoal, do qual já nos lembramos, quando da apresentação desta disciplina. E é o mesmo processo que determinará o seu bom aproveitamento de tantos textos que serão lidos e que serão produzidos ao longo da disciplina de Leitura e Produção de Textos e de todas as outras.

Este é o ponto-chave desta Unidade 2:

- ✓ compreender que ler e produzir textos são como que duas faces da mesma moeda;
- ✓ e compreender que o tipo de leitura e de produção que você desenvolver determinará a sua própria formação.

Conhecimento não é algo que se adquire de fora para dentro, mas algo que se constrói interiormente, a partir das relações que cada um estabelece.

Teremos atingido o objetivo desta disciplina se conseguirmos provocar em você o desejo de PRODUZIR, como leitor, como produtor de textos, como sujeito de sua aprendizagem.

REFERÊNCIAS

SAVIOLI, Francisco Platão e FIORIN, José Luiz. Lições de texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2006.

ABREU, Antônio Suárez. Curso de Redação. São Paulo: Ática, 2004.